

A problemática da reprodução do capital em *O Capital**

Alain Bih^r**

Resumo

Este artigo condensa minhas principais conclusões de uma releitura crítica de *O Capital*¹, concebida como o primeiro passo de um amplo projeto com vistas a elaborar uma teoria geral do modo de produção capitalista, no sentido de uma constelação conceitual capaz de servir de quadro de referência a todas as análises parciais do capitalismo presente ou passado. A hipótese estratégica deste projeto é que tal teoria pode e deve ser elaborada a partir de um conceito *de reprodução do capital*. Impõe-se rereer Marx para determinar ao mesmo tempo seus aportes (e seus limites) para a elaboração deste conceito.

1. Uma temática ao mesmo tempo central e periférica

No conjunto de sua crítica da economia política, as análises que Marx consagrou à reprodução do capital ocupam *uma posição* ambígua, ao mesmo tempo central e periférica.

Central porque, em um certo sentido, este conceito permite reapropriar-se da unidade desta crítica, estabelecer a síntese de seus elementos, recolocá-la integralmente em perspectiva de um modo original e, em conseqüência, reavaliar seus diferentes momentos. Todavia, em nenhum momento de sua démarche, o conceito de reprodução foi, para Marx, objeto de interrogação ou de análises específicas. A este respeito, nada é mais significativo do que o modo como se introduz, em sua crítica da economia política, a própria expressão “*processo de reprodução*” sem que Marx, contrariando seus hábitos, nela se detenha ou a torne objeto de uma análise conceitual (de uma definição explícita, uma interrogação sobre seus pressupostos, uma justificativa de sua necessidade, etc.). Se bem que o “*processo de conjunto*” do qual trata o Livro III (a se julgar pelo título) não é, definitivamente, nem mesmo clara e nitidamente identificado por Marx como

* Traduzido por Lúcio Flávio de Almeida e Renata Gonçalves, pesquisadores do NEILS.

** Doutor em Sociologia. Université de Haute-Ausace (Mulhouse), França. Autor, entre outros, de *Da Grande noite à alternativa*. São Paulo: Boitempo, 1998.

¹ *La reproduction du capital. Prolégomènes à une théorie générale du capitalisme*, Lausanne: Editions Page deux, 2001, dois volumes.

processo *reprodução* do capital.

A ambigüidade da temática da reprodução deve-se à posição cronológica e metodológica que esta ocupa no interior da crítica marxiana da economia política.

Começemos por sua posição cronológica. O tema e, portanto, o conceito de reprodução do capital não aparecem nem nos *Grundrisse* (colocados à parte, de modo ainda implícito, no esboço de análise do "duplo molinete"²) da circulação²); nem mesmo nos *Manuscritos de 1861-1863* (a não ser por intermédio da discussão dos famosos quadros de Quesnay). Parecem só ter surgido na redação da versão primitiva de *O capital* (entre 1863-1865), pelo menos a se julgar pelo fragmento do livro I que nos restou dela e que foi publicado sob o título de *Um capítulo inédito de O capital*.

Mas acabo de me referir ao que o Livro III de *O capital*, composto por Engels a partir do manuscrito desta mesma versão primitiva, nos revela da persistente ambigüidade da posição teórica do conceito de reprodução neste mesmo manuscrito.

Portanto, é apenas tardiamente, quando da redação da versão definitiva do primeiro Livro de *O capital*, mais exatamente de sua penúltima sessão, e mais ainda quando ele se dedicou à redação definitiva do segundo Livro, que a temática da reprodução parece ter recomeçado a adquirir uma certa amplitude e, sobretudo, uma certa autonomia e consistência teóricas no pensamento de Marx. É principalmente neste contexto, em estreito vínculo com a elaboração dos esquemas de reprodução que condicionam a circulação do capital social, que Marx parece ter começado a tomar consciência dos problemas *específicos* colocados pela reprodução do capital em seu conjunto.

Esta hipótese de uma descoberta apenas progressiva e tardia da temática da reprodução também pode se apoiar na posição que Marx lhe atribui em sua *démarche*, que vai metodicamente do abstrato ao concreto. Sabemos que esta implica suspender as hipóteses condicionais que orientaram a análise nas etapas anteriores, revelando como as condições do movimento do capital, que no início eram supostas como *dadas*, são *produzidas* pelo próprio capital. Ora, em *O capital*, a temática e a problemática da reprodução sempre aparecem no final do percurso: é o que ocorre nos dois primeiros

² A expressão "double molinet" ("duplo molinete") pode ser encontrada no capítulo XXIII, "Reproduction simple", da edição francesa de *O Capital* (preparada por Roy e supervisionada pelo próprio Marx), para explicar como, por meio da circulação, se reproduz a relação capitalista de produção. Na edição brasileira da Abril Cultural, traduzida do alemão, aparece a expressão "armadilha": "Já não é a causalidade que contrapõe o capitalista e trabalhador como comprador e vendedor no mercado. É a armadilha do próprio processo que lança o último constantemente de novo no mercado como vendedor de sua força de trabalho e sempre transforma seu próprio produto no meio de compra do primeiro" (Marx, 1985: livro primeiro, vol. 2, cap. XXI: 61). Nota dos tradutores.

Livros, em cujas sessões finais Marx lhes consagra os desenvolvimentos, depois de analisar, sucessiva e separadamente, processo de produção e processo de circulação; e é no Livro III, voltado para o “*processo de conjunto*” resultante da unidade dos dois processos de produção e de circulação, que elas são amplamente elaboradas e desenvolvidas, embora de modo simplesmente implícito e ainda, no essencial, lacunar.

Esta posição não poderia ser casual. Ela indica claramente que, segundo a própria lógica do método seguido por Marx em sua crítica da economia política, o processo de reprodução do capital é o processo *mais concreto*, mas também *o mais complexo*, aquele cuja exposição supõe a recapitulação do conjunto dos resultados anteriores da análise, que libera, também no mesmo movimento, o segredo dos momentos precedentes. Ora, Marx jamais o apresenta desta forma (a não ser, talvez, no Livro II): na maioria das vezes, ele só aparece como um desenvolvimento suplementar, abordando fenômenos novos, e não um aprofundamento e um arremate das análises anteriores.

2. A subestimação da problemática da reprodução por Marx

Esta posição fundamentalmente ambígua das análises que Marx consagrou à reprodução do capital parece-me ser explicada por sua subestimação e, enfim, seu desconhecimento da *especificidade* dos problemas que precisamente esta reprodução coloca. Pois, no fim das contas, *para Marx, a reprodução do capital não apresenta nenhum problema*. Ele está intimamente convencido de que o movimento do capital como valor em processo, no interior dos limites que lhe atribuem suas contradições internas, limites que o capital pode sem dúvida afastar, mas dos quais não pode se libertar, é um movimento auto-reprodutivo, um movimento que (re)produz suas próprias condições, cujos resultados nada mais são que seus próprios pressupostos.

Todas as análises que Marx consagra à reprodução do capital repetem à exaustão a seguinte fórmula: *os resultados do processo de conjunto da produção capitalista são, ao mesmo tempo, seus pressupostos*, entre os quais figuram, em primeiro lugar, as próprias relações capitalistas de produção; se bem que o processo engendra permanentemente as condições de sua própria repetição. E todo o esforço teórico de Marx consistirá em demonstrar que o processo de produção capitalista é um processo de reprodução *sui generis*: produz por si mesmo suas próprias condições, não somente materiais (meios de produção e forças de trabalho), mas também sociais (as relações de produção que agenciam estas condições materiais que lhe servem de suportes). Em outros termos, todo seu esforço consiste em “*internalizar*” as condições da reprodução do capital, transformá-las em resultados do próprio processo capitalista de produção.

É trabalhando nesta perspectiva que Marx estabelece seus principais resultados e elabora sua contribuição original para a análise do processo de reprodução do capital. Assim, no mesmo movimento, destaca a coerência e a consistência deste processo que apresenta como auto-reprodutivo, mas também sua fragilidade e sua caducidade, pois as condições da reprodução são também, contraditoriamente, as das disfunções e crises, as da definitiva autodestruição do próprio capital.

Marx, principalmente:

- Mostra, em primeiro lugar, que o processo capitalista de produção reproduz permanentemente, por intermédio, do “*duplo molinete*” do processo de circulação, a separação entre produtores diretos e meios de produção, separação que transforma os segundos em capital e coloca os primeiros sob a dependência direta deste último, pois obrigados a recolocar incessantemente sua força de trabalho à venda. Da mesma forma que este processo cria por si mesmo “*o exército industrial de reserva*” necessário para que o capital enfrente as flutuações cíclicas de seu processo de acumulação.

- Em segundo, estabelece também as proporcionalidades interseccionais que condicionam a circulação e reprodução do capital social, não somente em valor, mas em termos físicos: as proporções entre os elementos constantes e variáveis do capital das duas sessões produtivas, portanto também das relações que devem respeitar sua composição orgânica e sua taxa de acumulação. Sempre indicando que estas condições circulatórias da reprodução também são fatores potenciais de disfunção, de desregulação e, em definitivo, de crise do processo de reprodução.

- Em terceiro lugar, demonstra a necessidade funcional da autonomização de uma parte do capital social no e pelo processo de circulação (capital comercial); bem como da autonomia do capital financeiro, sob sua dupla forma de capital de empréstimo e capital fictício; aí também sublinhando os riscos de disfunção e de crise potencial contidos nesta dupla autonomia.

- Em quarto, contra as ilusões da economia vulgar a respeito da concorrência, recoloca em seu verdadeiro nível as relações entre os capitais singulares, feitos de atrações e repulsões recíprocas, mostrando como estas nada mais fazem do que realizar as exigências e condições da reprodução do capital em geral.

- Em quinto, através de sua análise das formas fetichizadas que revestem a relações capitalistas de produção ao longo do processo de reprodução, lança as bases de uma análise do comportamento dos agentes deste processo (em especial, seus agentes capitalistas) que permite compreender como sua autonomia individual, pressuposta por este processo

e engendrada por ele, se subordina, todavia, a seu movimento de conjunto – sempre podendo, no entanto, se separar dele e gerar aí também disfunções e crises.

- Enfim, chega às contradições deste processo e às crises que elas geram, as quais não podem servir definitivamente à sua reprodução, restabelecendo suas condições de equilíbrio que sua própria dinâmica tende, todavia, a perturbar incessantemente e a destruir.

A cada etapa da análise, o resultado visado, ou sempre perfeitamente obtido por Marx é o seguinte: mostrar que o processo de produção capitalista engendra os diferentes elementos (materiais, sociais, institucionais, ideológicos) que condicionam a possibilidade de sua própria reprodução, sempre gerando contradições que excluem que esta reprodução possa ser uma simples repetição do idêntico e, menos ainda, um processo indefinido.

3. Os três níveis do processo global de reprodução do capital.

Mas, se a idéia de que o processo capitalista de produção é um processo de reprodução *sui generis*, que engendra, por si mesmo, as condições de sua reprodução, funda o interesse e a originalidade das análises de Marx sobre a reprodução, também assinala os limites e as insuficiências desta análise.

A este respeito, é demasiado evidente – e este é o sentido de minha demonstração no estudo cujas teses resumo aqui – que, por si mesmo, enquanto valor em processo, o capital não chega a se dar, a produzir, o conjunto de suas próprias condições de existência e de permanência, o conjunto de seus próprios pressupostos. Ao contrário, algumas destas condições, e não as menores, só podem ser asseguradas por processos que se situam além do movimento do capital como valor em processo, além do processo de conservação e do crescimento do valor-capital, fora do processo de conjunto da produção capitalista.

Em uma palavra, este último, no melhor dos casos, não passa de *um momento* de um processo mais amplo, que proponho chamar de *o processo global de reprodução do capital*, no qual se engendra o conjunto das condições de existência e da permanência do capital como relação social de produção. Processo que se pode decompor, a meu ver, em três processos distintos, cada um dotado de sua autonomia relativa, mas estando articulado aos outros dois.

a) Em primeiro lugar, o movimento do capital como valor em processo, valor capaz de se conservar e se acumular em um processo cíclico. Este processo constitui um *nível* do processo global de reprodução do capital, o único que Marx reconheceu explicitamente nesta condição e do qual nos

deixou uma análise metódica, senão exaustiva, em sua crítica da economia política.

Proponho denominá-lo processo *mediato* de reprodução do capital, para distingui-lo do processo global de reprodução, do mesmo modo que Marx distingue e opõe o processo de produção imediato ao processo de conjunto da produção capitalista. Entretanto, o qualificativo *mediato* não se justifica apenas por esta analogia, mas pela capacidade que o capital manifesta de produzir, no e pelo seu movimento de valor em processo, sem qualquer mediação além das elaboradas por este processo, portanto, imediatamente, *certas* condições de sua própria reprodução.

b) Mas a estas condições imediatas da reprodução do capital se juntam outras que o movimento do capital como valor em processo não pode precisamente engendrar por si mesmo. Para distingui-las das precedentes, eu as denominarei *as condições gerais externas da produção capitalista*.

Estas condições são *gerais* em um duplo sentido. Por um lado, no que elas concernem essencialmente à reprodução do capital social em sua totalidade, tal como ele se forma pelo entrelaçar dos movimentos dos múltiplos capitais singulares, e não pela reprodução imediata destes últimos: são os pressupostos gerais da valorização dos capitais singulares que devem ser garantidos ao nível do conjunto do capital social. Por outro lado e, sobretudo, estas condições põem em jogo o conjunto dos aspectos e dos elementos da realidade social e não mais somente aqueles dos quais o capital se apropria imediatamente no e por seu movimento de valor em processo.

A *exterioridade* dessas condições não significa que este movimento não possa participar diretamente na produção delas. Significa que nenhuma dessas condições gerais é um dado imediato ou resultado global do movimento do capital como valor em processo. Em outros termos, a produção delas apela necessariamente a *outras mediações* além das implicadas no e pelo processo de produção imediato do capital. E são estas mediações que asseguram a apropriação e a integração dos elementos da realidade social a título de condições da reprodução do conjunto do capital social.

É assim, por exemplo, que o capital não chega somente por seu movimento de valor em processo a assegurar a (re) produção de certas condições de seu processo de produção imediato, quer se trate dos meios socializados de produção (infra-estruturas coletivas, produção e difusão de resultados da pesquisa científica, etc.) ou dos aspectos da reprodução da força de trabalho não diretamente assegurados pela circulação mercantil desta (as relações familiares, a produção e a gestão do espaço-tempo doméstico, o sistema de ensino, etc.). Assim também o movimento do capital como valor em processo não está à altura de produzir e de reproduzir por si mesmo o espaço requerido pela circulação do capital: as redes de transportes e

comunicações, as concentrações urbanas, a organização do território, etc. Tampouco ele está à altura de criar o conjunto das condições que asseguram uma perfeita mobilidade do capital social e do trabalho social, permitindo-lhes se deslocarem o mais rapidamente possível de um ramo de produção a outro, para assegurar a perequação da mais-valia social geradora do lucro médio: basta pensar no que isto também supõe de unificação (político-administrativo) do território e de homogeneização dos modos de vida (das normas sociais e culturais) no interior de uma determinada sociedade. Quanto à apropriação pelo capital dos processos de consumo, tanto do salário como da mais-valia, ela igualmente supõe mediações que superam de longe as que apenas o movimento do valor em processo pode produzir.

Portanto, *o processo de produção das condições gerais exteriores da produção capitalista* é irredutível ao movimento do capital como valor em processo. Eu o consideraria como um segundo nível específico do processo global de reprodução do capital, distinto de seu processo de reprodução imediata.

c) Todavia, os dois processos precedentes não esgotam o processo global de reprodução do capital. Este ainda compreende *o processo de produção e de reprodução das relações de classes*. Em outros termos, trata-se ainda de compreender como a reprodução do capital enquanto relação social se efetua na (mas, também, ao mesmo tempo, contra *a*) *divisão* da sociedade em classes, *as lutas* entre elas em suas múltiplas formas e constantes peripécias, enfim, as próprias classes como *sujeitos coletivos*.

Considerar este processo complexo como um nível específico do processo global de reprodução do capital justifica-se duplamente. Por um lado, pelo fato de que aqui também intervêm mediações do processo de reprodução desconhecidas nos dois níveis precedentes. Assim, para nos atermos a um exemplo, só a análise das lutas de classes pode permitir apreender as relações de força, os compromissos, os fenômenos de composição e de decomposição das classes sociais nas cenas social e política que desembocam especialmente na formação dos blocos sociais (sistemas complexos de alianças de classes, frações, camadas e categorias) que se encarnam e se representam nas organizações associativas, sindicais, partidárias, mas também nos aparelhos do Estado. Conseqüentemente, é impossível limitar a análise do Estado em sua relação com a reprodução do capital às formas e estruturas relacionadas com as funções que ele desempenha nos dois níveis precedentes no processo de reprodução, sem levar em conta efeitos próprios às lutas entre as classes que nele se materializam.

Por outro lado e, sobretudo, (re)introduzindo as relações e lutas de classes, trata-se de restituir as determinações *subjetivas* (as classes em luta, seus interesses, projetos e representações, no duplo sentido ideológico e político

do termo) do processo global de reprodução do capital, pois as análises dos dois níveis anteriores só retêm as determinações *objetivas* (as relações sociais autonomizadas e reificadas ante os sujeitos individuais e coletivos), tendendo, deste modo, a apresentá-las como um processo automático. Neste terceiro nível de análise, parte da perspectiva se inverte, pois não se trata apenas de mostrar como o capital e sua reprodução geram relações e lutas de classes. Trata-se, inversamente, de colocar em evidência que as classes moldam nas e pelas lutas estas relações e os níveis anteriores de seu processo de reprodução, que as mediações anteriores deste processo, em certo sentido, são apenas os resultados e a materialização dessas lutas que, portanto, constituem o primeiro motor e a última palavra do processo de reprodução do capital, até no traçarem a perspectiva de sua superação.

d) Portanto, considerado globalmente, o processo de reprodução do capital é o processo em que esta relação social, que é o capital, se apropria contraditoriamente de toda a *práxis* social, tentando subordiná-la às exigências de sua permanência e de seu crescimento. E isto muito além de seu simples movimento de valor em processo, que apenas constitui o primeiro momento, o momento imediato, daquele processo de reprodução. Como afirmei em minha hipótese introdutória, é por este processo que o capital chega a se desenvolver em um modo de produção específico, o capitalismo: a totalizar a *práxis* social, subordinando-a às suas próprias exigências, as de sua reprodução e, em conseqüência, transformando-a tanto em seu conjunto como em cada um de seus elementos. É também neste sentido que se pode falar dele como processo *global* de reprodução, pois se trata definitivamente de um processo gerador e organizador da sociedade global contemporânea.

4. O elo perdido da crítica da economia política.

Sejam quais forem as razões que possam explicá-lo, e sobre as quais não é possível alongar-me aqui, é certo que a insuficiente elaboração, por Marx, do conceito de reprodução do capital foi um obstáculo direto à conclusão de sua crítica da economia política, pelo menos como ele a pretendia inicialmente.

Se examinarmos os primeiros planos desta crítica concebidos em 1857-1858, veremos que seu projeto é o de uma análise *global* do modo de produção capitalista, de uma crítica da civilização capitalista em toda a sua extensão e toda a sua compreensão :

“O plano a adotar deve evidentemente ser o seguinte: 1º. as determinações abstratas gerais, convindo portanto mais ou menos a todas formas de sociedade, mas consideradas no sentido anteriormente referido;

2º. as categorias que constituem a estrutura interna da sociedade burguesa e sobre as quais assentam as classes fundamentais. Capital, trabalho assalariado, propriedade fundiária. As suas relações recíprocas. Cidade e campo. A troca entre estas. A circulação. O crédito (privado). 3º. Concentração da sociedade burguesa na forma do Estado. Considerado na sua relação consigo próprio. As classes 'improdutivas'. Os impostos. A dívida pública. O crédito público. A população. As colónias. A emigração. 4º. Relações internacionais de produção. A divisão internacional do trabalho. A troca internacional. A exportação e a importação. Os câmbios. 5º. O mercado mundial e as crises”(Marx, 1977a: 226)³.

Ou ainda: “Examino pela ordem seguinte o sistema da economia burguesa: capital, propriedade fundiária, trabalho assalariado; Estado, comércio externo, mercado mundial” (Marx, 1977b:23).

Sabemos que, das duas tríades precedentes, Marx se restringiu apenas à primeira, e ainda de maneira incompleta. Agora que conhecemos o sentido exaustivo que podemos e devemos lhe atribuir, percebemos claramente que o conceito de reprodução do capital é o verdadeiro *elo perdido* da crítica marxiana, a mediação que lhe falta para lhe permitir levar a cabo a obra de sua maturidade.

Por um lado, o inacabamento relativo da elaboração, por Marx, da primeira tríade, capital - propriedade fundiária - trabalho assalariado, que fornece « *a estrutura interna da sociedade burguesa* », leva a reduzir a reprodução do capital apenas a seu processo imediato. Quer se trate de fornecer uma verdadeira análise do trabalho assalariado, da condição salarial, do processo de produção e reprodução da força de trabalho apropriada às condições de uma reprodução ampliada do capital, o que as análises marxianas estão muito longe de fornecer; ou ainda dos desenvolvimentos da divisão social do trabalho, das relações entre cidades e campos, da divisão capitalista de uma sociedade em classes e de suas relações recíprocas; enfim, e principalmente, da síntese do conjunto de seus elementos no e pelo Estado (os diferentes Estados-nações tomados isoladamente), o que falta cada vez mais para apreender a articulação destes diferentes momentos é precisamente o conceito de reprodução do capital como proponho compreendê-lo, como processo pelo qual o capital totaliza o conjunto das determinações da *práxis* social para dela constituir as mediações de seu processo de reprodução, subordinando-as às exigências deste último.

Esta mesma ausência vai bloquear, por um lado, o esforço de Marx para desenvolver a segunda tríade. Em outros termos, para desenvolver a

³ Para facilitar o trabalho do leitor, adotamos uma edição brasileira de fácil consulta. (nota dos tradutores).

análise da mundialização das relações capitalistas de produção, a análise das relações internacionais e do mercado mundial. Pois, como todo o devir ulterior do capitalismo evidenciou, a mundialização só pode ser compreendida como a extensão progressiva destas relações comandadas pelos imperativos de sua reprodução e, especialmente, como uma tentativa de escapar dos limites e contradições desta mesma reprodução.

Enfim e, talvez, principalmente, foi para conceber a articulação entre as duas tríades precedentes que o conceito de reprodução do capital faltou a Marx. Pois somente este conceito permite apreender a relação entre os dois processos que acabo de mencionar rapidamente : por um lado, o *devir-capital do mundo*, ou seja, a apropriação, pelo capital, do conjunto das condições da *práxis* social, sua penetração até as entranhas da vida individual e coletiva, para submetê-las às exigências e efeitos da reprodução do capital ; e, por outra parte, o *devir-mundo do capital*, a extensão das relações capitalistas de produção a toda a superfície do planeta, unificando a humanidade sob a dominação das exigências capitalistas. Estes dois movimentos conjuntos só podem ser compreendidos em sua unidade como dois momentos do processo global de reprodução do capital.

5. A reprodução do capital, um conceito horizonte.

Para resumir e concluir minhas proposições sobre o lugar ocupado pelo conceito de reprodução do capital no interior da crítica marxiana da economia política, eu diria que ele é uma espécie de *conceito-horizonte*, em um triplo sentido :

- Por um lado, ele se situa no ponto de convergência de suas principais linhas diretivas, no ponto em que se cruzam suas linhas de força, mas também suas linhas de fuga, tanto as que Marx seguiu e explorou metodicamente como as que ele se contentou em abrir e indicar ou mesmo as que ele negligenciou, que não percebeu e que, todavia, estavam implicadas na e por sua própria *démarche*.

- Por outro lado, ele é, ao mesmo tempo, o ponto a partir do qual *a unidade* da crítica marxiana da economia política pode ser percebida e concebida de modo original em relação ao modo como o próprio Marx a compreendia e a propôs ; o ponto a partir do qual *as insuficiências* desta crítica se revelam e as razões de sua incompletude se explicam ; portanto, também o ponto a partir do qual *a conclusão* dessa crítica pode ser considerada.

- Enfim, ele fornece a abertura que permite superar o próprio projeto desta crítica e avançar rumo a uma crítica do conjunto da civilização do capital, que deveria ser o próprio objeto da teoria geral, aqui projetada, do modo capitalista de produção.

Bibliografia

- MARX, Karl (1977a). “Introdução à crítica da economia política”. In: *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. (1977b). “Prefácio à ‘Crítica da economia política’”. In: *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo, Martins Fontes.
- _____. (1985). *O Capital*, livro I, vol. 2, cap. XXI. São Paulo, Abril Cultural.